

A PESCA EM GALIZA: UMHA EVOLUIÇOM EM BASE A EXPLORAÇOM DE RECURSOS NATURAIS, 1700-1990.

Germám Alejandro Muinhos

Departamento História e Instituições Económicas

Universidade de Santiago de Compostela

1. OS RECURSOS DA MAR E A PESCA TRADICIONAL GALEGA.

A relevância da actividade pesqueira galega apresenta remotas origens e constatamos a sua existência organizada desde a Idade Média, ainda que já mais alá da cultura dos castros a exploraçom dos recursos da mar era objecto de atençom. A História mostra como a abundância de recursos que oferecem as nossas augas vai configurando um sector de importância capital para as gentes que o modelam com o seu trabalho e para a sociedade galega em geral, e como pessoas e médios se amoldam aos recursos sobre os que descansa a subsistência. Tamém aprendemos que as técnicas de captura e a organizaçom do sector como tal se vam adaptando a circunstâncias cambiantes, e que debates tam actuais como o acesso aos recursos, os conflitos de jurisdiçom ou a sobreexploraçom dos recursos formam parte do interior da actividade desde os seus inicios. Ensinanças com as que mui poucos países da importância pesqueira do nosso contam, e que deveram ser atendidas à hora de adoptar medidas de ordenaçom pesqueira (ALEJANDRO e RODRIGUEZ, 1995).

Desde a Idade Média, a importante actividade pesqueira apoia-se no comércio marítimo de Sardinha salgada, com muito a espécie mais importante e na que descansa todo o entramado organizativo do sector. A produçom enviava-se sobre todo a Portugal, em Pinaças e Vascotes, e tamém ao Cantábrico e ao interior peninsular por médio de arrieiros, convertendo este comércio na actividade mercantil mais importante da Galiza do Antigo Regimem (CARMONA, 1989). Ademais, tamém eram objecto de atençom a Pescada, o Congro e o Badeixo para elaborar ceciais e vende-los no interior da Península, o Polbo, a Balea nas rias do norte, e a Ostra ao longo de toda a costa, que se enviava em escaveche às vilas galegas, aos mosteiros e a Castela e Portugal. Toda esta actividade complementava-se com o marisqueo a pé nas praias de toda clase de moluscos, para o autoconsumo ou para a comercializaçom em pequena escala (ALEJANDRO, 1996).

A nível organizativo, os Grémios de Mareantes eram os encargados da regulaçom pesqueira e da disposiçom para as tarefas da pesca. As diferentes artes e aparelhos, utilizados em funçom do lugar e da espécie a capturar, reflectem esse sistema organizativo. Mentras, as operaçoms de salga da sardinha (o tradicional escocado) eram realizadas de forma artesanal em pequenas bodegas, polas famílias marinheiras.



Chegado o século XVIII a actividade pesqueira tem acadado significativa importância. Pero apesar disto e do nascimento do que se tem calificado de Protoburguesia Marítima arredor de esta actividade (comerciantes, proprietários de embarcaçõs, sectores avastados dos grêmios, etc.), umha série de trabas bloqueam as possibilidades de expansom a nível técnico, organizativo e comercial (CARMONA, 1989).

Por umha parte, mediado o XVIII estabeleceu-se a obriga de inscripçom na Matrícula do Mar para todo mareante, com o objectivo de reclutar marinheiros para a Armada. Isto, em umha época de continuos conflictos com Frância e Inglaterra, supuxo continuas levas de mareantes galegos ao serviço, quedando a actividade paralisada por falta de mao de obra e limitado o acesso aos recursos só aos matriculados, com excludom do resto.

Em segundo lugar, o entramado de impostos e taxas próprios do Antigo Regimem limitava o comércio dos produtos da mar. Pero ademais de esta fiscalidade, outra tivo efeitos mais negativos e freou as possibilidades de expansom do peixe salgado. Refiro-me ao Estanco do Sal, que gravava em excesso o preço de umha matéria básica para a salgazom, disparando os custos (a diferênciã entre o preço real e o cobrado passava a engrosar os ingresos da Fazenda). A expansom em base à sardinha nom vai ser possível, em parte por este motivo.

2. 150 ANOS DE PESCA EM GALIZA: DA INMIGRAÇÃO CATALANA AO BOOM FRESCO-CONSERVAS.

Superado o ecuador do setecentos começam a arrivar às costas galegas inmigrantes de origem catalana a comerciar com vinhos e licores, levando sardinha salgada nas viagens de retorno, em quanto comprovam que representava um lucrativo negócio (ALONSO, 1976).

Os fomentadores, como logo foram conhecidos em Galiza, vam-se introduciendo na estrutura criada até somete-la ao seu controlo, com novas artes de pesca (um arrastre, a Jábega, para a sardinha; e o Palangre para as espécies capturadas com anzois) e com métodos de salgazom em maior escala e mais produtivos. Sem embargo, as claves do seu domínio hai que busca-las em outros factores, entre eles a sua desenvolta e integrada estrutura comercial e a Matrícula do Mar, que deixou as costas galegas sem mareantes. Por outra parte, o Estanco do Sal determinou o definitivo predomínio dos fomentadores, e converte pouco a pouco em umha barreira insalvável para os salgadores tradicionais. Fronte a eles, os fomentadores podem afrontar as exigências, cada vez maiores, para aceder a um preço de graça mui inferior ao do Estanco.

E ainda um terceiro factor há ser determinante e dou a puntilha à salga tradicional: o feche do mercado português em 1774, logo da guerra comercial entre os dous estados vizinhos, deixa-a sem mercado e condeada a desaparecer.

Nesta situaçom, com os fomentadores já definitivamente estabelecidos e com as fábricas de salgazom proliferando pola geografia marítima galega (MEIJIDE, 1973), permanece o sector pesqueiro galego durante boa parte do século XIX. O Estanco e a Matrícula, na medida em que limitavam a disposiçom de factores produtivos, impediam jogar com a oferta para reduzir custos e vam determinar a situaçom estacionária de um sector que nom pode ampliar mercados. Por umha parte, as barreiras alfandegárias da Europa da época impediam as exportaçõs, e por outra as malas comunicaçõs dificultavam o trafejo de mercadorias com o interior peninsular.



Vai ser no último terço do século quando as mencionadas trabas se vam removendo e se sentam as bases para a futura evoluíçom do sector e para o nascimento da moderna indústria conserveira.

Assí, em 1869 suprime-se o Estanco do Sal, o que permitiu aos fomentadores controlar o sector desde o lado da demanda, sem necessidade de investir na parte extractiva. Com o Desestanco puderom desfazer-se de artes e embarcaçoms e adicar estes recursos à parte da transformaçom, quando anteriormente (desde 1828) para obter o preço de graça deviam acreditar ser "industrais do sector" (possuindo artes, embarcaçoms e almacens de salgazom). A isto une-se a supresom da Matrícula do Mar, em 1873, com o que desaparece outra traba do lado da oferta e a incertidume que provocava.

Com certas trabas superadas, a oportunidade para a definitiva consolidaçom de Galiza como potência pesqueira apresentou-se nas últimas décadas do século, graças a factores externos ao sector. Por umha parte, a abertura das linhas de FF.CC. com o interior peninsular mediados os 80 permitiu a chegada do peixe fresco aos grandes centros de consumo, e provocou umha reorganizaçom do sector em base a transformaçoms técnicas, para atender o aumento de demanda. E por outra, tamém na década dos 80 abrirom-se de par em par as portas ao desenvolvimento da indústria conserveira galega, quando desaparece a sardinha das costas da Bretanha, até esse momento primeiro produtor mundial de conservas de peixe. Isso facilitou a "explosom conserveira", comandada polos antigos salgazoeiros, producindo inicialmente para marcas bretonas e consolidando despois um sector industrial autóctono. Desde 1885 a expansom da conserva é espectacular, passando de 11 fábricas a 106 em 1907, com a sardinha practicamente como única espécie trabalhada (CARMONA, 1985).

Por tanto, o sector artelha-se em adiante arredor dos eixos fresco (para o mercado interior) e conservas (para a exportaçom) e evolue tecnicamente em base a eles. Desde fins do XIX vam-se introducindo o Cerco de Jareta, nova arte para a captura da sardinha, e a Traineira, embarcaçom a remo mui rápida, tamém para esta pescaria. As anovaçoms, a impulso dos industriais conserveiros, permitirom por primeira vez ir em busca da pesca em lugar de espera-la, aportando aos desembarcos a regularidade que a indústria conserveira necessitava. Mais adiante, no primeiro quarto do XX, introduce-se o vapor na pesca da sardinha, aumentando o rádio de açom das embarcaçoms e a capacidade das artes de pesca, e polo tanto as capturas, practicamente absorvidas polas conserveiras (GIRALDEZ, 1989).

Por outra parte, como resultado da ampliaçom do mercado para o peixe fresco (sobre todo pescada e olhomol), assistimos inicialmente a um processo de substituiçom de velhos faluchos a vela por pequenos vapores. E na primeira década do XX, quando as capturas já nom satisfaziam a demanda, chegarom anovaçoms que cambearom as formas de extracçom para o fresco. Forom os Arrastres ao Bou em Altura, artes de grande capacidade para os que o vapor já é indispensável.

Esta estrutura permanece como a descrevemos até os anos da Guerra Civil, em tanto arredor de ela nascem e se consolidam a Construçom Naval e as Construçoms Mecánicas, sobre todo em Vigo, para atender ao crescimento do sector e à renovaçom das frotas. Galiza afirma-se nos anos 20 como primeira zona de pesca do estado espanhol, ainda que a depressom económica mundial dos 30 free a evoluíçom do sector conserveiro, tradicionalmente exportador. Tamém se paralisa a renovaçom da frota, envelhecida e carente de casco de aceiro, motor diésel ou refrigeraçom a bordo, adiantos que o afastamento e a produtividade dos caladoiros estavam demandando (GIRALDEZ, 1989).



3. OS INICIOS DA EXPANSOM OCEANICA DAS PESCARIAS GALEGAS.

O final da Primeira Contenda Mundial facilitou o desenvolvimento do sector pesqueiro galego sobre as bases mencionadas, ao superar-se os problemas que tinha generado (sobre todo, dificultades para a importaçom de folhadelata e estanho, fundamentais para as conservas). Em esta tesitura tivo lugar a Primeira Etapa da Expansom Oceánica da pesca galega, nos anos 20 e com grandes Trawlers ingleses usados na guerra, adquiridos por armadores galegos, na que tamém participaram unidades que já operavam anteriormente. Assi, as embarçoms galegas estam faenando nos bancos de Mauritània, Marrocos, Grand Sole, Irlanda e o Mar Céltico, e chegam as primeiras expediçoms a Terranova em busca do bacalhao (PAZ ANDRADE, 1954 e 1958).

Anos depois, com a Autarquia Económica da Posguerra Civil espanhola e a escasseza de alimentos e o aihamento exterior que significou, as autoridades interessaram-se no sector pesqueiro como fonte de proteínas. Assistimos assi à Segunda Etapa da Expansom Oceánica da pesca galega, com as Leis de Protecçom Industrial desenhadas desde 1939. Estas buscavam um maior degrau de autoabastecimento da economia espanhola, atendendo entre outros ao sector pesqueiro e à Construçom Naval, esta em franco declive pola ausência de pedidos. As facilidades do Creto Institucional impulsaram a construcçom de modernas unidades pesqueiras, para fazer da mar umha fonte de alimentos a bo preço, fomentando-se o desenvolvimento da frota do arrastre em altura e grande altura (consolidam-se as pescarias de Grand Sole e o Atlántico europeo e mais tarde as de Terranova). As capturas de bacalhau e pescada forom sensíveis à maior capacidade e rádio de açom da frota, aumentando de forma importante na década dos 40 (PAZ ANDRADE, 1954).

Pero esse aumento de desembarcos nom foi devido a aumentos de produtividade, senom só à maior capacidade das embarçoms. Assi, foi esquecida a introduçom de melhoras como as factorias a bordo, os arrastres desde popa ou a congeaçom a bordo, que se estam producindo em outras frotas. A mediados do XX, a capacidade da frota já é excessiva em relaçom à disponibilidade de recursos (o que compromete a rendibilidade) e necessita de umha remodelaçom, dificil de acometer polos volumes de capital e trabalho comprometidos. Por outra parte, as demais pescarias ficaram abandonados à sua sorte pola administraçom, tanto no que se refere à sardinha e aos túnidos (cara aos que derivara a indústria conserveira) como no que atende à pescaria artesanal do fresco (pequenas unidades à linha ou curricam que ofreciam um produto de alta qualidade), e por suposto ao semnúmero de embarçoms adicadas às mais diversas pescas e ao marisqueo no interior das rias.

4. A INDUSTRIALIZAÇOM E INTERNACIONALIZAÇOM PESQUEIRA.

A Autarquia e as Leis de Protecçom Industrial, longe de conseguir um desenvolvimento racional, significaram um colapso de grandes proporçoms para a Construçom Naval galega (e espanhola), que com a apertura de fins dos 50 vé-se na obriga de competir em inferioridade técnica e organizativa. Em um intento de superar a grave crise de este sector, aprova-se em 1961 a Lei de Protecçom e Renovaçom da Frota Pesqueira, com o telom do autoabastecimento pesqueiro e da industrializaçom pesqueira de novo de fondo. O Creto Institucional afluente outra volta ao sector pesqueiro, nascendo umha nova geraçom de buques de pesca que



incorporaram todos os adiantos técnicos (congeaçom a bordo, factorias, orientaçom náutica, sistemas de detecçom de bancos, etc). Sem embargo, as frotas costeira e artesanal nom foram atendidas (GONZALEZ LAXE, 1976), como tampouco o foram as medidas de investigaçom, comercializaçom e estruturas empresariais, repetindo-se os erros do passado imediato. Todo o esforço volcou-se na parte industrial e na conquista de caladoiros afastados (Bostom e o Atlántico Noroeste, Noruega, Argentina, Sudáfrica, etc), com absoluto abandono no que se refere ao desenho dumha política pesqueira que permitira aproveitar os recursos na porta da casa e um achegamento racional aos caladoiros internacionais, ademais de atender a à comercializaçom dos produtos.

O estado espanhol, com Galiza como principal zona pesqueira, configura-se como umha potência pesqueira mundial. As capturas aumentam em esta etapa, pero os rendimentos em relaçom a tonelagem e embarcaçoms diminuem desde 1964 (é o que se conhece como rendimentos técnicos), comprometendo umha exploraçom com custes muí elevados (ver quadro 1). Em esta situaçom, a pressom sobre os caladoiros é excessiva, já que para obter um nível aceitável de beneficio é necessário aumentar a captura, entrando no círculo da sobreexporaçom e do esgotamento (GONZALEZ LAXE, 1983).

A esses factores que se mencionam, internos ao sector, vai-se unir um que será de capital importância e sobre o que ainda actualmente gira todo o debate pesqueiro mundial. Refiro-me aos câmbios no acesso aos recursos que supom a generalizaçom das Zonas Económicas Exclussivas de 200 milhas (ZEE) desde 1973, que para umha frota como a galega, com abundância de unidades em augas internacionais e jurisdiccionais de outros países, pudo significar o amarre e o colapso. Quedarom como saídas os convénios bilaterais, as empresas mixtas ou o pago de cânones sobre as capturas em augas antes "livres".



5. O ORDEAMENTO PESQUEIRO DOS 80. A RECENTE EVOLUIÇOM DAS PESCARIAS GALEGAS.

As frotas galegas de Altura e Grande Altura virom, como diziamos, comprometida a sua actividade nos caladoiros em que faenavam, e nom como resultado de feitos ailhados, senom por umha estratégia de controle dos recursos que adoptam todos os países ribeirans, cando decidem que nom estam aproveitando os recursos no seu beneficio. A história recente do sector pesqueiro galego tivo como eixo fundamental as cuotas e licências de pesca, e a busca de caladoiros ou de acordos com terceiros países para que essas grandes unidades puderam seguir trabalhando, e garantir assi os postos de trabalho e os capitais investidos. Problemas de difícil soluçom dada a sobredimensom da frota -em relaçom à disposiçom de recursos e às condiçoms internacionais- que a eufória expansiva das anteriores etapas tinha provocado. O ingresso de Espaha na CEE em 1986 nom eliminou a incerteza em que se movia o sector, e ainda supuxo fortes restricçoms para a frota espanhola e galega, quizais usada como moeda de pago para obter boas condiçoms em outros sectores da economia espanhola. Incluso se temia que a Comunidade opta-se por um abandono da parte extractiva do sector para ponher a atençom na indústria transformadora.

Ademais, em esta última etapa da evoluïçom, começa a pensar-se em umha planificaçom e ordeamento da actividade em geral, incluído o sector marisqueiro, ainda que de novo os recursos das nossas augas parecem ficar em um segundo



plano. A regulaçom da actividade, começa timidamente com a década dos 80 desde o Ministério e pouco despois desde a Conselharia de Pesca, em quanto se asumem as competências do Estatuto de Autonomia. Sem embargo, alomenos inicialmente foram insuficientes e inadecuadas, ao nom contemplar as peculiares características dum sector no que @s trabalhador@s tenhem umha forma de vida, condiçoms de trabalho, formas de remuneraçom ou nível de risco mui peculiares. Ao que estamos dizindo hai que engadir o estado de sobreexploraçom em que se atopam os recursos pesqueiros, tanto em caladoiros internacionais como nas augas jurisdiccionais espanholas ou em augas interiores de Galiza. A começos dos 90 a política pesqueira nom pode j  obviar a necessidade dumha exploraçom que garanta a conservaçom dos recursos, o que se tentou reflectir nas Leis e Decretos da Conselharia de Pesca e na Reforma da Política Pesqueira Comunit ria. Regulaçoms que toparam com dificuldades para ponher-se em marcha devido   oposiçom que  s vezes generam (lembrar por exemplo as paradas biológicas).

Nos anos 90, as pescarias galegas apresentam diferentes características segum se trate da pesca em augas interiores, em augas comunitárias ou em augas internacionais. Em todo caso, a falta de caladoiros e os conflictos polo acesso aos recursos som comuns a toda a actividade, e a consecuçom de lic ncias e acordos de pesca estam presentes na mente de todas as pessoas com interesses no sector.

As frotas de Altura e Grande Altura, em situaçom crítica como mencionavamos, vivem dia a dia esses conflictos, às vezes de maneira dramática para os seus protagonistas (patrulheiras marroquinas, armada canadiana, etc). Ademais, o endebamento do sector, propiciado polas boas expectativas dos 80,   acuciante ante o feche de caladoiros como Namíbia ou Malvinas e os problemas de acesso a outros muitos no mundo, como os de NAFO, O Irish Box, ou Marrocos. ■

QUADRO 1: RENDIMENTOS DA FROTA ESPANHOLA, 1965-1978.

ANOS	TN/TRB	TN/Embc	TN/Trip	Captura*
1965	2925	85148	11273	111,08
1966	2188	86552	11283	112,62
1967	2040	89502	11270	119,24
1968	1975	88321	11319	124,89
1969	1874	85005	11986	123,36
1970	1856	79519	10984	132,05
1971	2002	85629	12230	131,21
1972	1983	83976	12310	126,16
1973	1932	82334	12286	129,43
1974	1703	75664	11316	123,54
1975	1662	77091	10912	124,66
1976	1613	75933	11498	120,82
1977	1466	70556	10677	114,02
1978	1770	78929	12820	112,64

*Indice, 1964=100

FONTE: *Elaboraçom em base a dados recolhidos em: GONZALEZ LAXE (1983); VARELA, GARZA (1992).*



BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.

- * ALEJANDRO, X. (1996). "A explotación dos recursos marisqueiros en Galiza, 1750-1900: Do mar Libre ao control das normas de uso". *Revista Galega de Economía*, Vol. 5, Num. 1, pp. 1-20.
- * ALEJANDRO, X., RODRIGUEZ, E. (1995). "Aproximación á historia do sector pesqueiro galego: o desenvolvemento das pescarias até os nosos días, 1700-1990". *Série O Mar desde o Mar*, Consellería de Pesca, Xunta de Galicia.
- * ALONSO, L. (1976). *Industrialización y conflictos sociales en la Galicia del Antiguo Régimen, 1750-1830*. Madrid.
- * CARMONA, J. (1985). "La industria conservera gallega, 1840-1905". *Papeles de Economía Española, Economía de las CC. AA.*, 177-191.
- * ——— (1989). "Igualdade e desigualdade nas pescarias galegas de mediados do século XVIII". *Grial*, Num. 102, 216-226.
- * ECONOMIA GALEGA, A, *Série Informes Anuais, 1986-1994*. IDEGA.
- * GIRALDEZ, J. (1989). "Aproximaçom ao sector pesqueiro galego no primeiro terzo do século XX". *Agália, Monográfico Num. 2*, 7-31.
- * GONZALEZ LAXE, F. (1976). *Problemas da pesca costeira galega. A Corunha*.
- * ——— (1983). *El proceso de crecimiento del sector pesquero español, 1961-1978. A Corunha*.
- * MEIJIDE, A. (1973). "Negociantes catalanes y sus fábricas de salazón en la ría de Arosa (1770-1830)". *I Coloquio de Historia Económica de España, Barcelona*.
- * PAZ ANDRADE, V. (1954). *Producción y fluctuaciones de las pesquerías*. Madrid.
- * ——— (1958). *Sistema económico de la pesca en Galicia*. Buenos Aires.
- * VARELA, M., GARZA, M.D. (1992). "Economía de la pesca: Marco estructural y gestión de los recursos". *Revista de Estudios Agrosociales*, Num. 160/2, 11-47.

